

## **CURSOS DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E QUESTÕES DE GÊNERO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ESTUDANTES DE AGRONOMIA NO BRASIL**

**Ana Luísa Marques<sup>1</sup>, Daniel de Freitas Nunes<sup>2</sup>, Fabiano Couto Milagres<sup>3</sup>, Kelly Delmond<sup>4</sup>, Érica Ribeiro Simonetti<sup>5</sup>, Aline Correia Silva de Oliveira<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>Aluna do curso técnico integrado de Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, IFTO – campus Araguatins. e-mail: < analuisadsrr5169@gmail.com >

<sup>2</sup>Historiador – docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO campus Araguatins. e-mail: <daniel.nunes@ifto.edu.br >

<sup>3</sup>Geógrafo - docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO campus Araguatins. e-mail: < fabiano.milagres@ifto.edu.br >

<sup>4</sup>Acadêmica do curso de Bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, IFTO, campus Araguatins. e-mail: <kellydelmond@gmail.com >

<sup>5</sup>Economista, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO campus Araguatins. e-mail: <erica.simonetti@ifto.edu.br >

<sup>6</sup>Bióloga, técnica administrativa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO campus Araguatins. e-mail: <aline.silva@ifto.edu.br >

**Resumo:** Esse artigo consiste em uma análise do perfil socioeconômico das estudantes de agronomia que inscreveram para fazer a prova do Exame Nacional de Desempenho – ENADE de 2013. Para tal, partiu-se de uma pesquisa quantitativa descritiva com especial interesse na descrição de variáveis tais como escolaridade dos pais, renda, cor/raça e situação laboral. O recorte amostral compreende todas as estudantes concluintes e inscritas no ENADE 2011 e objetivamente buscou-se discutir os dados compilados a partir da perspectiva das relações de gênero e à luz da literatura concernente ao tema. Os resultados compilados indicam que as mulheres matriculadas no curso de agronomia são em sua maioria não brancas e apresentam um perfil socioeconômico variando entre as classes C e D, com mães sub-escolarizadas e correspondem a pouco mais de ¼ dos estudantes do curso de Agronomia no Brasil. Conclusivamente, discute-se que o curso de agronomia se constitui em um micro espaço que reflete as desiguais relações de gênero entre homens e mulheres no Brasil.

**Palavras-chave:** agronomia, gênero, perfil socioeconômico.

### **1. INTRODUÇÃO**

Como nos lembra Lopes & e Maia (2001), a divisão sexual dos papéis existem, evidentemente, em todas as sociedades que se tem conhecimento, nesse sentido, as desigualdades sociais de gênero não são uma causa recente na história da humanidade. Pelo contrário, vem desde as primeiras civilizações, principalmente quando se trata de agricultura, essa estratificação concretiza-se naturalmente como, local doméstico pertence à mulher, agricultura ao homem.

Segundo De Melo (2003), as famílias produtoras agrícolas mantêm o espaço doméstico como principal lugar de trabalho da mulher e igual forma atribuem ao homem a responsabilidade pelo trabalho na agricultura, secundarizando por completo o papel desempenhado pelas mulheres no campo. Nesse sentido, considerando a questão de gênero como uma categoria analítica que busca atribuir significado as relações sociais fundadas nas diferenças observáveis entre os sexos (DE

MELO, 2003), cabe lembrar que no Brasil, assim como no mundo, a desigualdade de gênero impacta na diferenciação socioeconômica entre homens e mulheres em vários aspectos da nossa sociedade.

De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada – IPEA, que analisou as diferenças de renda por sexo e raça no Brasil, no ano de 2009 uma mulher branca recebia 53% da renda média no que recebia um homem branco, ao passo que quando se trata de uma mulher negra esse valor cai para 30,5% (IPEA, 2011). No que diz respeito à educação, apesar de apresentar uma média maior em anos de estudo quando comparada aos homens, no geral, no que tange ao ensino superior, ainda existem espaços quase impenetráveis para as mulheres, como as engenharias, ciências da saúde e ciências agrárias (RISTOFF, 2013).

Visando aprofundar a análise desta temática, isto é, das desigualdades de gênero no ensino superior e no campo brasileiro, o presente estudo objetivou precisar o perfil socioeconômico estudantes de agronomia no Brasil compreendendo a ocupação das ciências agrárias por mulheres como uma importante ferramenta de empoderamento feminino para a superação dessa desigualdade. Para tal, empreende-se uma pesquisa quantitativa descritiva com especial interesse na apresentação e discussão de variáveis socioeconômicas de estudantes de Agronomia no Brasil.

## 2. METODOLOGIA

Este estudo consiste em uma pesquisa de caráter descritivo, e decorre de análises de ordem socioeconômica, com especial interesse na descrição de informações concernentes ao sexo, nível renda e escolaridade das estudantes de agronomia no Brasil. De acordo com Gil (2008), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações variáveis” (GIL, 2008, p.28). Para tal, foi utilizado o Banco de microdados do Exame Nacional do Desempenho do Estudante (ENADE), no qual foram extraídas as informações do questionário socioeconômico do exame de 2013, que consiste na base de dados mais atual disponibilizada pelo ENADE (INEP, 2013).

Considerando os critérios de presença na prova utilizados pelo ENADE e também pelo presente estudo para filtrar os dados, a amostra de estudantes utilizada consiste em 7.774<sup>1</sup>

---

1 Em algumas tabelas o resultado final apresentado pode diferir do tamanho declarado da amostra por haver, em alguns casos, respostas “em branco” de alguns estudantes para algumas variáveis tais como cor/raça e renda, por isso mesmo estas respostas não foram contabilizadas nesses casos específicos, já que são consideradas “missing cases”,

estudantes de todo o Brasil que estavam na situação de concluintes do curso de agronomia no ano de 2013 e que foram selecionados pelo INEP a partir de critérios de amostragem. Os dados são apresentados com recorte nacional, sem distinção pela categoria administrativa da instituição (se pública ou privada) ou de tipo de instituição (se é universidade, instituto federal, centro universitário ou faculdade) em decorrência do entendimento que a questão de gênero se reproduz e se manifesta para além das definições formais e administrativas da instituição, ou seja, é um problema onipresente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Sexo

A primeira informação apresentada consiste na divisão da amostra por sexo (tabelas 1), o que possibilitou verificar como se a distribuição percentual dos estudantes de agronomia no Brasil entre homens e mulheres.

Tabela 1: distribuição da amostra por sexo

sexo	Frequência	%
Feminino	2.266	28,6
Masculino	5.508	71,4
Total	7.774	100

Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

Apenas 28% dos estudantes de agronomia no Brasil em 2013 eram mulheres, um percentual bem abaixo do total geral da população, já que de acordo com o senso de 2010 as mulheres correspondem à 51,3% da população brasileira (IBGE, 2010). Isso implica considerar que o curso de agronomia se insere, no universo do ensino superior brasileiro, dentre aqueles com maioria esmagadora de homens, como as engenharias (RISTOFF, 2013), tornando evidente, portanto, um significativo desequilíbrio de gênero nessa área.

#### 3.2 Idade

A estatística descritiva da idade da amostra trabalhada (tabela 2) permitiu inferir que a despeito de estarem sub-representadas no curso de agronomia, as mulheres apresentam um perfil mais arrojado, isto é, mais jovem e com uma menor variação de idade (tabela 2).

Tabela 2: estatística descritiva da idade da amostra

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
idade Mulheres	2.266	19	62	24,74	4,316

Homens	5.508	19	66	25,58	5,221
--------	-------	----	----	-------	-------

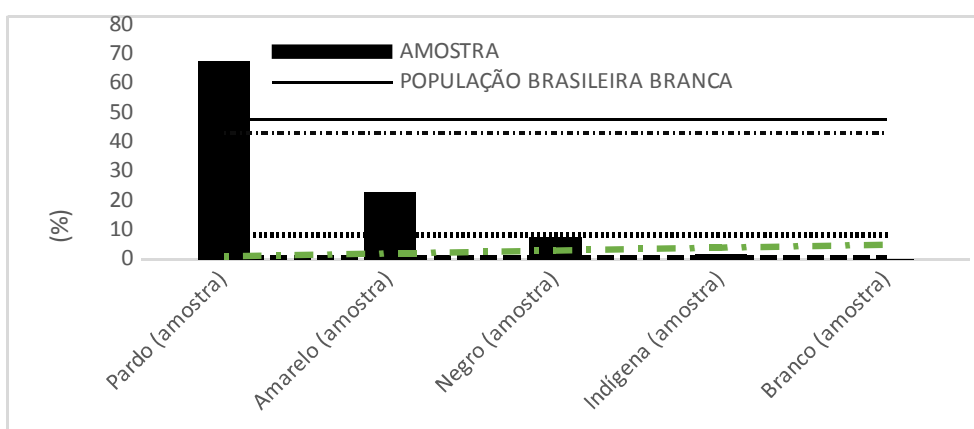
Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

Como observa-se a partir da estatística descritiva da idade, as mulheres do curso de agronomia apresentam uma média de idade 0,5 anos a menos e um desvio padrão também menor. Isso implica considerar que apesar de estarem em menor número, estas mulheres entraram mais cedo e possuem uma média de idade mais homogênea estando, portanto, mais próximas da idade ideal de ingresso (18 anos, após a conclusão do ensino médio) e de conclusão aos 23 (considerando uma média de duração do curso de 5 anos).

### 3.3 Cor/raça

A partir da variável cor/raça, apresenta-se os dados específicos do componente feminino da amostra, isto é, as 2.226 mulheres matriculadas no curso de agronomia que fizeram no ENADE no ano de 2013 Brasil afora.

Figura 1: distribuição e comparação da amostra por cor/raça com a população brasileira



Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

Quando comparados ao conjunto total da população brasileira, observa-se que as mulheres do curso de agronomia estão distribuídas inversamente no que diz respeito à variável cor/raça, exemplo disso é a cor branca. Enquanto 48% da população brasileira se autodeclarou branca na pesquisa nacional por amostra de domicílios – PNAD de 2011 (PNAD, 2011), apenas 0,6 das mulheres do curso de autodeclararam branca, ao passo que enquanto na mesma pesquisa da PNAD 43,1% se autodeclararam pardos, no curso de agronomia 67,5% das mulheres matriculadas se reconhecem dentro dessa definição étnica. Chama ainda a atenção a super-representação de amarelos (de origem asiática). Enquanto esse grupo étnico corresponde à apenas 0,6% da população brasileira, no curso de agronomia 23,1% das mulheres declararam pertencer à este grupo étnico. A este respeito, Freitas

(2015) discute, no que tange ao ensino superior brasileiro, que o desequilíbrio étnico é uma constante, sendo evidente a concentração de brancos em cursos que oferecem uma maior rentabilidade e prestígio no mercado de trabalho e de não brancos em cursos de menor prestígio social, não sendo diferente no que diz respeito às mulheres do curso de agronomia. Nesse sentido, cabe ressaltar que nestes cursos que atraem mulheres de maior renda, taxados como graduação “elitista”, não há uma representação significativa como esta de mulheres não brancas, sendo que isto se reflete em outros aspectos da vida acadêmica, como a concessão de bolsas para estudo no exterior, em que a porcentagem mulheres negras é drasticamente baixa quando comparado a mulheres brancas.

### 3.4 Escolaridade da Mãe

Como observa Neri (2009), no Brasil as distinções de renda ainda se dão pela educação, isto é, quando mais escolarizado é o indivíduo, maior é a renda. Neste sentido, considerando que o esforço do trabalho é traçar um perfil socioeconômico detalhado das estudantes de agronomia no Brasil, optou-se por apresentar os dados referentes à escolaridade das mães das estudantes em questão, sendo possível constatar que quase  $\frac{1}{4}$  das mães da amostra possuem nenhuma escolaridade (tabela 3).

Tabela 3: escolaridade das mães da amostra

Escolaridade	Frequência	%	% acumulado
Nenhuma	493	22,8	22,9
Ensino fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série)	1.324	61,1	84,0
Ensino fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série)	254	11,7	95,7
Ensino médio	83	3,8	99,5
Educação superior	10	,5	100,0
Total	2.167	100,0	

Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

A este respeito, cabe inferir também que os perfis de escolaridade das mães dessas estudantes de agronomia não diferem dos daqueles cursos de menor prestígio social, como as licenciaturas, no qual uma parte significativa tanto dos pais quanto das mães dos estudantes, possuem pouca ou nenhuma escolaridade (NUNES, 2015). Não obstante, cabe ressaltar que 84% das mães da amostra possuem nenhuma ou quase nenhuma escolaridade, o fato de suas filhas estarem cursando o ensino superior significa um considerável passo na escada socioeconômica, visto que de uma geração para a outra passa-se dos mais baixos aos mais altos níveis educacionais do país. A este respeito cabe ainda lembrar de recente pesquisa do IBGE que revelou que em 2014, 78,2% dos filhos de pai sem

escolaridade, isto é, 20,7 milhões de pessoas, estavam nessa situação, ao passo que Apenas 4% completaram o nível superior e 23,6% repetiram o mesmo padrão, ou seja, não estudaram (ESTADÃO, 2016), o que torna esse dado ainda mais especial.

### 3.5 Renda

Considerando que a educação reflete diretamente na situação socioeconômica dos filhos, foi possível aferir que mais da metade da amostra trabalhada situa-se nos estratos socioeconômicos das classes D (um salário mínimo) e C1 (três salários mínimos), sendo que 47% situam-se nas classes C2 (um salário mínimo e meio) e C1 quando toma-se como referência o Critério de Classificação Econômica Brasil – CCEB (ABEP, 2017), o mesmo utilizado, como algumas alterações, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Tabela 4: estratos de renda familiar média da amostra

Renda familiar média	Frequência	%	% acumulado
Até 1,5 salário mínimo (até R\$ 1.017,00)	216	10,0	10,2
De 1,5 a 3 salários mínimos (R\$ 1.017,01 a R\$ 2.034,00)	1.016	47,0	57,2
De 3 a 4,5 salários mínimos (R\$ 2.034,01 a R\$ 3.051,00)	53	2,5	59,7
De 4,5 a 6 salários mínimos (R\$ 3.051,01 a R\$ 4.068,00)	365	16,9	76,6
De 6 a 10 salários mínimos (R\$ 4.068,01 a R\$ 6.780,00)	506	23,4	100,0
Total	2.161	100,0	

Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

Evidentemente, pode-se inferir que as alunas do curso de agronomia no Brasil se inserem na mais recente onda de ingresso de indivíduos socioeconomicamente menos favorecidos observada no final da primeira década dos anos 2000 (RISTOFF, 2013). A este respeito o mesmo autor observou que mais 1/3 dos estudantes brasileiros se enquadravam no estrato de renda mensal familiar de até três salários mínimos, ao passo que nos espectros dos grupos de famílias neste estrato de renda é de 52% quando se considera o universo da população brasileira (RISTOFF, 2013), estando, portanto, nossas estudantes acima da média nacional de estudantes de baixo poder aquisitivo na universidade. Deste modo, cabe ressaltar ainda que é importante considerar que a despeito de

ocuparem ainda um espaço minoritário dentro do curso de agronomia, ainda que diminuto o percentual de mulheres isso significa a superação de algumas barreiras, sobretudo étnicas e sociais.

### 3.4 Situação de trabalho

A última informação apresentada consistiu na situação laboral das estudantes que compõem a amostra (tabela 5). A este respeito cabe ressaltar que as estudantes de agronomia se inserem dentro do espectro dos estudantes brasileiros do ensino superior de baixa renda e trabalhadores identificado por Nunes (2015). Para corroborar essa afirmação, basta observar que 72% da amostra declara trabalhar entre 20 e 40 horas semanais (tabela 5).

Tabela 5: situação laboral da amostra

Situação de trabalho	Frequência	%	% acumulado
Não estou trabalhando	26	1,2	1,2
Trabalho eventualmente	505	23,5	24,7
Trabalho até 20 horas semanais	884	41,2	65,9
Trabalho de 20 a 40 horas semanais	664	30,9	96,8
Trabalho 40 horas semanais ou mais	69	3,2	100,0
Total	2.148	100,0	

Fonte: microdados do ENADE 2013, dados da pesquisa.

De acordo com Ristoff (2013), os dados do socioeconômicos do ENADE do segundo ciclo (2007, 2008 e 2009) evidenciaram que 44% dos estudantes do ensino superior brasileiro nesse período declararam não trabalhar e que tinham seus gastos custeados pela família. Isto implica considerar que 56% dos estudantes brasileiros são trabalhadores estudantes. Nesse sentido, ainda que esse número seja um número significativo, as estudantes de agronomia da amostra encontram-se acima da média (72%).

Destes, 27% recebem ajuda da família para se sustentarem; 10% dizem que se sustentam com seu trabalho; 13,5% dizem que se sustentam e contribuem com o sustento da família; e 5,5% dizem ser o principal responsável pelo sustento da família.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resumidamente, os dados compilados permitem traçar um perfil socioeconômico das estudantes de agronomia que acaba por refletir o perfil socioeconômico da maioria das mulheres brasileiras e por conseguinte, as desigualdades decorrentes das relações de gênero em que estão inseridas. Nesse sentido, o que fica visualizado na pesquisa em tela é um perfil de estudantes trabalhadoras, não brancas, de renda baixa e mediana que ocupam, nessas condições muitas vezes não favoráveis, um espaço predominantemente masculino.

Cabe inferir, portanto, que as relações e desigualdades de gênero no Brasil se reproduzem, como indica vasta literatura, nos mais diferentes espaços da sociedade brasileira patriarcal, não sendo diferente no curso de agronomia, que se constitui em um micro-espaço dessas desigualdades.

Não obstante, cabe ressaltar que a ocupação desse espaço por mulheres claramente desprivilegiadas, ainda que em percentuais aquém do ideal, representa também uma afirmação da garra das mulheres brasileiras, que no caso do curso de agronomia representa um passo em definitivo à uma situação totalmente diferente da marginalização educacional e por isso mesmo econômica de suas mães.

## 5. Referências

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2009.
- DE MELO, L. A. **Relações de gênero na agricultura familiar: o caso do PRONAF em Afogados da Ingazeira- PE**. 2003. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- ESTADÃO. **Escolaridade dos pais influencia diretamente ascensão social e profissional do brasileiro**. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral/ascensao-social-e-profissional-ainda-depender-da-estrutura-familiar,10000088584> acessado em 25 de agosto de 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Microdados do Enade**: manual do usuário. Brasília, DF: INEP, 2013.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA – IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Brasília: Ipea, 2011.
- LOPES, M.F; MAIA, C. As desigualdades de gênero no contexto do desenvolvimento humano. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v.1, n.1, p. 1-15, 2001.
- NERI, M. **O retorno da educação no mercado de trabalho**. São Paulo: CPS/FGV, 2009.
- NUNES, D. F. **Quem quer ser professor no Brasil: uma análise a partir de variáveis socioeconômicas de estudantes de licenciatura**. 2015, 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.



Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad. **Microdados**. Disponível em:  
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/microdados>  
acesso em abril de 2017.

RISTOFF, D. I. **Perfil socioeconômico do estudante de graduação: uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009)**. Rio de Janeiro: Flacso/Brasil – Cadernos do GEA, n. 4, jul./dez. 2013.